



# **Jovens Quilombolas rurais e urbanos do Rio Grande do Sul: preconceito e superação**



Luiza Carravetta

## 1. INTRODUÇÃO

**A**s inter-relações de Educação e Comunicação vêm ganhando espaço em pesquisas acadêmicas, artigos, seminários e congressos, fortalecendo a troca de experiências de saberes que utilizam as interseções das duas áreas.

A geração de conhecimento, advinda do processo comunicativo do fazer televisivo, na produção de vídeos sociais, que promovam a cidadania, estabelece um estreitamento da comunicação com as práticas educativas.

A produção audiovisual, com a utilização das tecnologias do vídeo, enfatiza, nos documentários sociais, o protagonismo dos sujeitos, quer estejam eles do lado da rotina produtiva como roteiristas, produtores, diretores, quer como fontes e como membros da comunidade educativa.

Com o objetivo de propor uma comunicação cidadã através do uso do vídeo, este artigo pretende contribuir para a análise e a elaboração do vídeo social, abordando a temática da inclusão dos jovens quilombolas rurais e urbanos do Rio Grande do Sul, na perspectiva do preconceito e da superação.

Para isto, contextualiza a temática, numa breve pesquisa bibliográfica, partindo da abolição da escravatura no Brasil, da situação precária, vivida pelos negros/as e da formação de quilombos rurais e urbanos no sul do país.

Como proposição metodológica para a produção do vídeo, utiliza-se a pedagogia inaciana, cujas etapas são descritas, enfatizando as funções exercidas, desde a apuração da pauta até a finalização do vídeo.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

A entrada de negros e mulheres negras no Brasil data de meados de 1500. Em navios negreiros, navios de carga, destinados ao transporte de africanos/as escravizados/as, estes chegavam ao país com o objetivo de se fixarem na nova terra, para viverem e trabalharem. Eles viajavam em condições sub-humanas, nos porões, amontoados, e, quando chegavam, estavam famintos e exauridos.

Primeiro, os/as africanos/as escravizados/as entravam em Portugal e, mais tarde, embarcavam para o Brasil. De acordo com Silva (1989), desde 1539, iniciou-se a importação de afrodescendentes para o Brasil. Havia um comércio em que

os/as negros/as eram vendidos/as para o trabalho pesado nas mais variadas funções, sem as mínimas condições de uma vida digna.

Já para Moura (1994), os primeiros escravizados, vindos da África, chegaram em 1549, com a certeza de que saíam de sua terra definitivamente, iniciando uma nova história em terras brasileiras:

Esta história começa com a chegada das primeiras levas de escravos vindos da África. Isto se dá por volta de 1549, quando o primeiro contingente é desembarcado em São Vicente[...]. Enquanto o Reino vinha para a aventura da colonização pensando em um breve regresso, deixando, muitas vezes, a família em Portugal, o negro africano sabia que a sua viagem era definitiva e que as possibilidades de voltar não existiam. (MOURA, 1994, p. 7-8).

Queiroz (1989, p. 21) considera o sistema de produção escravagista no país como alicerce à economia, dizendo que “realmente, o negro cativo foi o suporte da economia brasileira por todo o período que durou a escravidão”.

O tempo passou e chegou-se ao terceiro milênio, período que enfatiza a igualdade em vários contextos. Por mais que haja esforços e políticas públicas que promovam a igualdade dos direitos humanos, encontram-se, ainda, resquícios da opressão escravista, mesmo após a sua abolição. Azevedo (1987) ratifica esta posição:

Todos os direitos humanos fundamentais foram negados aos negros e aos índios durante a escravatura e perversamente negligenciados depois da Abolição. Hoje, quase quinhentos anos depois do início, a História continua sem registrar decisões governamentais profundas e sérias, capazes corrigir as causas fundamentais das desigualdades entre os brasileiros. (AZEVEDO, 1987, p. 54).

Acrescenta-se a isto o aspecto da pobreza, advinda do processo social em que os negros e as mulheres negras foram marginalizados, tendo que enfrentar preconceito e discriminação. Para o autor:

A pobreza do negro, consequência do processo social que o manteve à margem das oportunidades de ascensão, faz com que aspectos inerentes às condições sub-humanas de vida sejam interpretados como devidos à raça. Assim, ser negro é ser também pobre, analfabeto, etc. faz com que as causas sociais da pobreza sejam esquecidas e substituídas por causas falsas de origem racial (AZEVEDO, 1987, p. 51).

Acoçados pela dureza da vida, pelos maus tratos, pelo nível de pobreza, os/as africanos/as e seus descendentes escravizados/as fugiam da escravidão e reuniam-se em grupo, em determinados locais com o objetivo de se protegerem para não serem capturados. Estes refúgios receberam o nome de quilombos. O Prof. Kabengele Munanga, no ensaio “Origem e História do Quilombo na África”, publicado na Revista USP (n. 18, 1995/96), comenta que:

[...] O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua bantu (Kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil tem a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lundu, ovibundo, mbundu, kongo, imbagala, etc. cujos territórios se dividem entre Angola-Zaire [...]. (MUNANGA, 1995/96, p. 58).

Os quilombos subsistiam através da caça e da pesca, mas também desenvolviam atividades agrícolas. Para desenvolverem suas atividades, reuniam-se em comunidades rurais. Com o objetivo de comercializarem seus produtos, procuravam estabelecer-se próximo a centros urbanos. Carril (2006) destaca os sítios, escolhidos para os redutos quilombolas:

Muitos dos quilombos permaneceram nos mesmos sítios ou próximos de onde eles se formaram desde a época da escravidão, praticando a agricultura de excedentes comercializáveis, mantendo relações comerciais com os mercados próximos ou com os comerciantes que passavam próximo aos sítios onde estavam localizados. As formas de apropriação dos recursos naturais foram, na maioria das vezes, resultado da interação com o ambiente em que se encontraram na medida em que as famílias se refugiaram em áreas de florestas e matas, a montante de cachoeiras ou em serras. (CARRIL, 2006, p. 158).

No Brasil, os quilombos concentravam-se no sudeste e no nordeste. Na região sul, embora não fosse a de maior incidência da formação de grupos quilombolas, vários núcleos foram formados. Com o cenário gaúcho de pastagens e coxilhas, houve o favorecimento da formação de um maior número de quilombos rurais, embora haja, também, os urbanos.

Almeida e Rigolin (2005) acentuam a presença de quilombos no Brasil:

Há maior concentração de negros no sudeste e no nordeste, respectivamente, pelo fato de a escravidão ter sido mais intensa nessas regiões. A análise econômica dos brasileiros, mostram que os longos e

intensos processos de exploração dos negros resultaram na desigual distribuição de renda, oportunidade e escolaridade entre nossas etnias. (ALMEIDA E RIGOLIN, 2005, p. 237).

Depois de tanto tempo de a escravatura ser abolida, vive-se numa época em que seus vestígios ainda são visíveis numa perspectiva histórica, cultural e religiosa.

O sofrimento das populações negras perpassou a história através da discriminação e do preconceito e, hoje, eles ainda existem, algumas vezes de modo mais acentuado, e, em outras ocasiões, um pouco mais tênue.

Atualmente, a discriminação racial é crime e, de algum modo, certas atitudes racistas são praticadas e punidas. Alguns têm preconceito de raça, esquecendo-se dos direitos humanos e dos preceitos de igualdade numa sociedade livre.

Apesar de se viver numa outra época, é importante problematizar situações em que o preconceito existe, mostrando as possibilidades de superá-lo. Com isto, pode-se contribuir para que os direitos humanos sejam respeitados e para que se tenha uma sociedade mais humana e mais digna.

### 3. O VÍDEO E A INCLUSÃO SOCIAL

Vive-se hoje num tempo, marcado pelos avanços tecnológicos, pelo acesso informatizado a gigantescos bancos de dados, pela informação instantânea, pela invasão da imagem e do som. Neste contexto, as relações sociais parecem ficar mais distantes. Entretanto, é preciso resgatá-las, aprendendo a lidar com as suas tessituras num desafio para focar suas questões de ordem social. É neste panorama que se encontra o vídeo social. Se por um lado, não é possível desvinculá-lo da contemporaneidade, por outro, é preciso achar-lhe o lugar, inserindo-o na vida cotidiana.

É preciso, portanto, problematizar o que significa falar em inclusão social, lincada aos problemas da vida real, com as suas variáveis de cunho social, cultural, afetivo, econômico, presentes na vida do mundo moderno.

A narrativa audiovisual, no vídeo social, apresenta formas de narrar, de contar histórias sobre alguns grupos culturais, desafiando olhar para tais grupos como sujeitos da diferença. De modo algum, os atores sociais serão vistos e/ou

interpretados como exóticos ou anômalos, sendo respeitadas as suas diferenças e as suas deficiências.

#### 4. O VÍDEO “JOVENS QUILOMBOLAS RURAIS E URBANOS DO RIO GRANDE DO SUL: PRECONCEITO E SUPERAÇÃO”

“Jovens quilombolas rurais e urbanos do Rio Grande do Sul: preconceito e superação” é um vídeo de 13 minutos, resultado do V Prêmio “Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão”, promovido pelo Instituto Vladimir Herzog.

No ano de 2013, uma das propostas de pauta para o prêmio Jovem Jornalista, foi “Após uma década de políticas de ação afirmativa, o que os jovens negros, que ingressam no mercado de trabalho, contam sobre discriminação e superação”?

Considerando a escassez de produções em vídeo sobre a temática e a importância da realização de um documentário que levantasse e discutisse esta questão, o estudante de Jornalismo da Unisinos Yuri Ebenriter teve a sua pauta vencedora com o tema “Jovens quilombolas rurais e urbanos do Rio Grande do Sul: preconceito e superação”.

Para a produção do vídeo foram escolhidos dois quilombos: um quilombo rural e um quilombo urbano.

#### 5. QUILOMBO RURAL

O quilombo rural, denominado “Quilombo do Macaco Branco”, localiza-se no município de Portão, a 50km de Porto Alegre.

O Quilombo do Macaco Branco é assim chamado, devido ao preconceito, que relaciona os negros aos macacos e branco por estar inserido numa comunidade tipicamente alemã.

No Quilombo do Macaco Branco, a comunidade negra passa por diversas dificuldades. O transporte coletivo é precário, ocorrendo somente duas vezes ao dia, o que dificulta o acesso à escola e ao mercado de trabalho. Por este motivo, a escolaridade dos jovens é muito baixa e são poucos os que conseguem frequentar a escola de Ensino Básico e Média e, principalmente, sair dali para dar continuidade aos estudos.



Fonte: Acervo Pessoal.

Quanto aos mais velhos, o trabalho realizado restringe-se a produções agrícolas, plantio e cuidados com animais domésticos, e alguns ainda trabalham cortando lenha no mato com uma jornada de 12 a 13 horas de trabalho.

Os jovens do quilombo rural têm muita vontade de continuar os estudos com o objetivo de sair dali e de ter condições de melhorar a vida de suas famílias. Com muito esforço e dedicação, conseguem superar os obstáculos em busca de uma vida melhor e da realização de seus sonhos.

Com a ajuda da historiadora Eliege Moura Alves, professora da escola Gonçalves Dias, localizada próxima ao quilombo, foram selecionadas as fontes, jovens que venceram barreiras e conseguiram prosseguir seus estudos.

As fontes do quilombo do Macaco Branco são os jovens Daniel Junior Caetano da Silva, graduando em matemática, Greice Caroline Flores Machado, graduanda em Pedagogia e Lucas de Oliveira da Silva, aluno concluindo o Ensino Médio.

## 6. QUILOMBO URBANO



Fonte: Acervo Pessoal.

O quilombo urbano, “Quilombo da Família Silva”, está localizado numa zona nobre de Porto Alegre, no Bairro Três Figueiras, próximo ao Shopping Iguatemi.

Quando ele se tornou reduto de afrodescendentes ex-escravos, no início do século, a sua área era considerada rural. Com o crescimento da cidade, da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ele no meio de prédios e, hoje, está numa área nobre da cidade, rodeado de construções de alto luxo.

Há uma briga constante das 14 famílias que vivem no “Quilombo da Família Silva” com os moradores do bairro Três Figueiras, pois, de um lado, há aqueles que não querem a presença do quilombo e do outro os moradores que ali moram há

muito tempo, atualmente protegidos enquanto área federal de proteção social, pertencente à comunidade remanescente do quilombo da família Silva.

O que se vê é uma discrepância muito grande entre os prédios de luxo da região com a precariedade das casas dos moradores da área do quilombo.

No Quilombo da Família Silva, os jovens quilombolas mantêm as raízes do quilombo, vivendo precariamente ao lado de condomínios de luxo.

Em oposição ao que se observa no quilombo rural, os jovens do quilombo urbano, apesar das facilidades encontradas, devido à área onde vivem, parecem não priorizar o interesse em continuar os estudos. Eles ainda estão preocupados com a garantia de sua subsistência, salvaguardando trabalhos que não exijam grau de escolaridade maior e suas aspirações tem relação com as melhores condições do quilombo.

As fontes do quilombo da Família Silva foram selecionadas, de acordo com a disponibilidade para dar entrevista e poder contar um pouco da sua rotina. São elas: Diego da Silva, Quédi, Patrícia da Silva, Babá, e Fabrício da Silva de Paula, estudante do Ensino Médio.

## 7. FONTES

Ao lado do depoimento dos jovens, tanto do quilombo do Macaco Branco, como do da Família Silva, falando de suas dificuldades e do preconceito sofrido, foram escolhidas fontes para demonstrarem que a superação é possível e de que modo ela foi superada.

As fontes selecionadas foram: Ana Cristina Rosa, jornalista, Sejalmo de Paula Nery, desembargador aposentado, Antônio Carlos Côrtes, advogado, aposentado como gerente do Banrisul, Tânia Terezinha da Silva, prefeita de Dois Irmãos, Maria Aparecida da Rocha, coordenadora do curso de Serviço Social da Unisinos, Tarciso Flecha Negra, ex-jogador do Grêmio e vereador de Porto Alegre.

Eliege Moura Alves, historiadora, Paulo Roberto Staudt Moreira, historiador e o Pe. José Ivo Follmann, vice-reitor da Unisinos, são as fontes que contextualizam a temática.

## 8. TRILHA SONORA



Fonte: Acervo Pessoal.

É significativo escolher uma trilha sonora, inspirada pela temática do vídeo. Além de dar significado ao conteúdo trabalhado, ela enfatiza o espírito da mensagem a ser transmitida, principalmente pelos tambores.

Num vídeo sobre jovens quilombolas, vivendo em quilombos remanescentes do sul do país, elementos de percussão da raiz africana despertam a sensibilidade das origens dos protagonistas.

A trilha sonora do vídeo foi feita pelo jovem nigeriano Ìdòwù Emmanuel Akínrulí. Ela, sem dúvida, deu um colorido especial, destacando as falas das fontes, chamando a atenção para aspectos que deveriam ser evidenciados.

## 9. EQUIPE DE PRODUÇÃO



Fonte: Acervo Pessoal.

Além da equipe da produção do vídeo e das fontes, selecionadas para a sua realização, a jornalista Letícia Duarte de Zero Hora foi a jornalista mentora, indicada pelo Instituto Vladimir Herzog. Sua função referiu-se no auxílio à apuração da pauta e ao acompanhamento do conteúdo, na medida em que a rotina produtiva ia se desenvolvendo.

A equipe de captação da TV Unisinos contou com o cinegrafista Pedro Farias e com o auxiliar Ricário Lenz. A edição do vídeo foi feita pelos editores Diego de Oliveira e Édison Silva.

## 10. PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA

O presente trabalho consiste numa pesquisa qualitativa através de um recorte da realidade, vivida por jovens quilombolas rurais e urbanos. Buscam-se depoimentos espontâneos dos/as entrevistados/as através de suas vivências e de suas falas subjetivas.

Para a fundamentação teórica, utiliza-se a pesquisa bibliográfica que, para Gil (2002) desenvolve-se a partir de publicações, contidas em livros e artigos científicos.

A proposição metodológica da parte prática baseia-se na pedagogia inaciana, uma vez que ela ajuda a compreender o papel do vídeo social, principalmente quando relacionado ao processo de inclusão. Como o vídeo trata do preconceito e, principalmente, da superação, ela oportuniza, através do seu percurso, que sejam vivenciadas suas etapas na construção do vídeo dos jovens quilombolas.

Através do contexto, da experiência e da reflexão, pesquisa-se a realidade, apreendem-se e codificam-se os dados e chega-se aos diálogos decodificadores. A partir daí surge a ação, a produção do vídeo propriamente dita, e a avaliação, na qual é possível realizar inferências, norteadas pela participação de todo o processo de criação.

Tendo por base a pedagogia inaciana e as etapas de uma produção audiovisual, a metodologia consistiu numa rotina produtiva, desde a pauta, com a sua apuração, levantamento de produção, gravação com equipe de externa, até a edição e a finalização.

Para a apuração da pauta foram feitas visitas aos dois quilombos, para reconhecimento da realidade e entrevistas com os moradores, sentir o clima vivenciado e criar os primeiros laços, objetivando dar prosseguimento ao trabalho.

Ainda neste período, foram procurados os historiadores, para a conceituação dos quilombos e reconhecimento do lugar a ser pesquisado.

A historiadora Eliege de Moura Alves trabalha numa escola, próxima ao quilombo do Macaco Branco, o que facilitou muito na escolha das fontes, protagonistas do vídeo.

Depois da apuração, realizou-se o roteiro técnico final e o de gravação, tanto dos jovens quilombolas, quanto das fontes que trariam exemplos de preconceito e de superação.

Como as locações eram distintas e em municípios diferentes, houve necessidade de seis externas assim distribuídas:

- » 1ª Quilombo do Macaco Branco em Portão
- » 2ª Quilombo da Família Silva em Porto Alegre
- » 3ª Fontes de São Leopoldo e de Dois Irmãos
- » 4ª Fontes de Porto Alegre
- » 5ª Imagens de Cobertura
- » 6ª Gravação da trilha sonora em estúdio

Após a realização das externas, foi feita a decupagem, a adaptação do roteiro técnico final e o roteiro de captura.

Depois de capturadas as imagens para o computador, iniciou-se o processo de edição e, posteriormente, o de finalização.

Entre levantamento de produção, roteirização, externas, decupagem, captura, edição e finalização, estima-se que o trabalho foi realizado em torno de 120h.

Depois do vídeo finalizado, ele foi apresentado em São Paulo no Instituto Vladimir Herzog. A equipe também esteve presente na premiação do Prêmio “Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão” e na roda de conversa com todos os vencedores do 5º Prêmio Vladimir Herzog, patrocinado pelo Instituto.

Houve uma sessão de vídeo na Escola Gonçalves Dias no município de Portão com a presença dos jovens quilombolas, fontes do vídeo, do quilombo do Macaco Branco.

Em relação ao Quilombo da Família Silva, os jovens receberam cópias, pois não havia uma infraestrutura para a apresentação do vídeo a todos.

## 11. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Para o início do presente trabalho, mesmo de modo sucinto, foi importante contextualizar a temática, mostrando o início do sistema escravagista no Brasil, a formação dos quilombos e os resquícios daí advindos até os dias de hoje.

Como a temática do vídeo “Jovens quilombolas rurais e urbanos do Rio Grande do Sul: preconceito e superação” caracteriza-se como social, foi preciso optar por uma metodologia que o enfatizasse, destacando suas particularidades e diferenciando-o de uma simples produção audiovisual.

De acordo com a pedagogia inaciana, é possível construir o vídeo social através das seguintes etapas: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, relacionando-as ao levantamento de produção, ao roteiro, ao processo de captação, à decupagem, à edição e à finalização. Deste modo, a proposição metodológica selecionada veio ao encontro da proposta da produção do documentário de cunho social.

Uma história real fica enriquecida, se forem escolhidos atores sociais, pois eles representam a verossimilhança no produto audiovisual a ser produzido. Portanto, a escolha dos jovens dos dois quilombos selecionados, além de dar veracidade à história, permitiu mostrar a realidade, vivida pelos jovens nos quilombolas existentes.

Com as fontes que falam sobre a superação, pretendeu-se mostrar exemplos reais, salientando que é possível vencer o preconceito.

O objetivo principal do vídeo foi trazer uma mensagem de cidadania, sensibilizando para uma tomada de consciência na questão do preconceito.

O tema da inclusão social sinaliza para questões do tempo em que se vive, sensibilizando e problematizando para minimizar os preconceitos e buscar superá-los.

Se as diferenças sociais não fossem tão arraigadas, não seria necessário trabalhar com a temática da inclusão de afrodescendente. Entretanto, como elas ainda sobrevivem, hodiernamente, é preciso ser voz para uma educação inclusiva e o vídeo social, sem dúvida, pode fazer isto.

Essa reflexão procurou estabelecer a prática comunicativa da produção audiovisual, através de um trabalho de campo, para promover a reflexão no processo de geração de conhecimento na atividade pedagógica.

## 12.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABA, Associação Brasileira de Antropologia. Salvador: 1989.

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

AZEVEDO, Eliane. **Raça: Conceito e Preconceito**. São Paulo: Ática, 1987.

CARRAVETTA, Luiza Maria Cezar (org). **Seis Passos: o vídeo e a inclusão social**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Quilombo, Território e Geografia**. São Paulo: Agrária. v. 3, 2006, pp. 156-171.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e história do quilombo na África**. Revista USP. São Paulo, v. 28, dez./fev. 1995/96, p. 58.

MOURA, Clóvis. **A história do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1994.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

RUFFIER SJ, Pe. Maurício. **Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SILVA, Leonardo Dantas. **Estudos sobre a escravidão negra 2**. Recife: Editora Massangana, 1988.

•● A AUTORA ●•

**Luiza Carravetta** tem Pós-Doutorado em Televisão (produção, direção e roteiro) UCLA, University of California Los Angeles, Cnpq. Estágio Pós-Doutoral em Educação Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, CAPES. Professora da Unisinos - Universidade do Vale do Rio dos sinos. E-mails: [lucarravetta@sinos.net](mailto:lucarravetta@sinos.net), [lcarravetta@unisinos.br](mailto:lcarravetta@unisinos.br).